

(6) Paulo usa, no seu texto, os termos sexualmente diferenciados de Gn 1,27: "macho" e "fêmea", assim diferenciados tanto no TM (hebraico) como na LXX (grego).

(7) Nesta passagem da 1Cor 12,13, texto paulino da primeira hora, a falta da menção de "homem e mulher" talvez seja devida à necessidade de expurgar um texto inovador que foi sendo abafado pela tendência antifeminina logo dominante... (cf. TROMPF, G. W., art. cit., p. 205, nota 30).

(8) MURPHY O'CONNOR, J., "1Cor 11,2-16 once again", in CBQ 50 (1988) 2, pp. 265-274. Ver a conclusão, na p. 274.

(9) Cf. Id., "Interpolations in 1 Corinthians", in CBQ 48 (1986), 1, pp. 86-94.

(10) Cf. Id., "Sex and logic in 1Cor 11,2-16", in CBQ 42 (1980), 4, pp. 482-500.

(11) FEUILLET, A., no seu estudo de 1Cor 7b, "L'homme, gloire de Dieu et la femme, gloire de l'homme", in RB 81 (1974) 2, pp. 161-182, explica que o termo "glória", nessa passagem, não é "reflexo", como às vezes se traduz, mas "honra, ufania". E conclui: "Tratada com desprezo por Aristóteles, que dela faz um 'homem falhado', conceito que tanto pesou sobre o pensamento medieval, inclusive sobre Tomás de Aquino, a mulher recebe seu pleno reconhecimento em Gn 1:2 e também na 1Cor 7, que é seu eco: etc, em pé de igualdade com o homem, é imagem de Deus e, ao mesmo tempo, 'glória e ufania' do homem" (ibid., p. 182).

(12) Ver o breve mas excelente artigo de ANTONIAZZI, A., "São Paulo não era antifeminista", in Atualização 49-50 (1974) pp. 60-64, comentando por sua vez o estudo de Annie JAUBERT "Le voile des femmes, 1Cor 11,2-16", in NTS 18 (1971-72), pp. 419-430.

(13) Cf. ADINOLEFI, M., "Il velo della donna e la rilettura paolina di 1Cor 11,2-16", in Riv. Biblica Italiana 23 (1975), 1, pp. 147-173.

(14) Assim Conzelmann, Schweitzer, Barrett, depois da publicação do estudo de FITZER, G., "Das Weib schweige in der Gemeinde", München, Kaiser, 1963, cf. MURPHY O'CONNOR, J., "Interpolations in 1 Corinthians", in CBQ 48 (1986), 1, cit. p. 90.

(15) Assim FLANAGAN, N. M., "Did Paul put down women in 1Cor 14,34-36?" in BTB 11 (1981), 1, pp. 10-12 e, mais incisivamente, ODELL-SCOTT, D. W., "Let the women speak in Church — an egalitarian interpretation of 1 Cor 14,33b-36", in BTB 13 (1983), 3, pp. 90-93.

(16) SCHÜSSLER-FIORENZA, E., "In memory of her", N. York, Crossroads, 1983, pp. 230-233, cit. por MURPHY O'CONNOR, "Interpolations..." (art. cit., p. 90).

(17) Ver a argumentação do mesmo MURPHY O'CONNOR, ibid., p. 91.

(18) ODELL-SCOTT, D. W., art. cit. acima, Nota 15.

(19) FLANAGAN, N. M., art. cit. acima, Nota 15. Como exemplos de outras "consultas" que Paulo cita e comenta: elou rebate, FLANAGAN enumera: 1Cor 1,12; 2,15; 6,12 e 10,23; 6,13; 7,1; 8,1; 8,4,8; 11,2; 15,12...

(20) Conferir, na 1Cor 7, a relativização que Paulo estabelece para a própria circuncisão, diante da urgência escatológica: "a circuncisão nada é, a incircuncisão também nada é..." (v. 19). Por sua vez, a própria escravidão, assim como a liberdade, são relativizadas no v. 21, assim como, no v. 27, o casamento e o celibato.

(21) Cf. o longo estudo de DELLING, G., no "Grande Lèxico del NT" (trad. do original alemão), ed. Paideia, Brescia, vol. XIII, 1981, col. 930-944, sobre hypotáso no NT. Infelizmente, quase nada há sobre esse termo no "Dicionário Internacional de Teologia do NT" das ed. Vida Nova, trad. do original alemão ed. por COENEN, L.

(22) Este texto da 1Pd 3,1-2 tem um paralelo em Plutarco, autor pagão, que exorta as mulheres a serem submissas inclusive no culto, venerando só os deuses de seus maridos... o que, segundo o Apóstolo, não acontece com a mulher cristã (cf. BERTETICH, M., art. cit., p. 38).

(23) Cf. o estudo de RAMADA, Daniel e Marta, "A mulher na era pós-apostólica (reflexões a partir da 1ª Clem. aos Coríntios)", in Encontros Teológicos n.3 (1987/1), p. 21-23.

(24) Cf. meu comentário a respeito deste versículo no já cit. art. "A mulher no Sirácida", in Encontros Teológicos n.3 (1987/1), pp. 19-20.

(25) Cf. BERTETICH, M., art., cit., pp. 43-44.

(26) Cf. Id., ibid., pp. 42-43.

(27) Cf. Id., ibid., p. 48.

Endereço do autor:

Cx: Postal 5041 — ITESC

88041 — FLORIANÓPOLIS, SC

A MULHER-LEIGA CONSAGRADA

Pe. Alberto Gritti
Professor de Teologia Espiritual

IS? Que é isso? Uma sigla a mais que desponta no universo das entidades? Para muitos, uma sigla desconhecida. Mas não totalmente na Igreja, onde, desde Pio XII, o estudo para chegar-se a uma especificação mais clara de "Instituto Secular" continua sem interrupção. A começar da Constituição "Próvida Mãter Ecclêsia", de 1947, até o Documento de Puebla⁽¹⁾ em 1979, existe uma admirável seqüência de pronunciamentos.

Os documentos são uma reflexão sobre algo de concreto que diz respeito à prática de viver o Evangelho dentro de uma nova forma de vida cristã que é chamada "consagração do(a) leigo(a) no mundo".

Homens e mulheres, é verdade, mas a adesão dos primeiros é bem reduzida em comparação com o número das mulheres consagradas.

Nem podemos dizer que seja uma modalidade totalmente nova. No decorrer da história da Igreja houve já virgens consagradas no mundo, nos primeiros séculos, mas depois desapareceram quando a vida religiosa institucionalizada foi-se consolidando.

Uma companhia de virgens seculares existiu com Ângela de Mérici em 1530, no norte da Itália, as quais, na crise eclesial que se deu com o protestantismo, deram testemunho de vida evangélica junto aos mais pobres.

Esta maneira de ser Igreja, somente nos últimos cin-

qüenta anos tomou uma feição mais nítida e universal, através dos Institutos Seculares. Embora de maneira discreta, é esta uma das peculiaridades de "estar no século" sem nenhuma oficialidade, sem hábito nem convento, mas infiltradas no mundo como o sal, o fermento do Evangelho.

leigas, empenhadas nos valores próprios do laicato, porém numa secularidade consagrada.

Elas existem e testemunham em ambientes os mais diversificados. Ana é enfermeira, Márcia é secretária numa grande empresa, Neusa é funcionária pública, Maria trabalha num supermercado, Lúcia é professora. Elas vivem no mundo, como as outras, habitam com seus familiares ou em apartamento próprio, ou em pensão, e há quem assumiu a atividade apostólica na missão, em áreas bem carentes.

Seu compromisso e consagração são conhecidos por Deus, por suas colegas do mesmo Instituto, e pelo Bispo Diocesano.

Moças que amadurecem numa vocação que, como disse Paulo VI ⁽²⁾, “se situa na confluência de duas poderosas correntes cristãs: já consagradas pelos sacramentos do Batismo e da Confirmação, escolhem e propõem-se acentuar esta consagração a Deus com a profissão dos conselhos evangélicos”. Continuam leigas, empenhadas nos valores próprios do laicato, porém numa secularidade consagrada.

Com a consagração, é a Igreja que vai ao mundo, sendo este um dos desafios do Concílio ⁽³⁾. O papa da “*Evangelii Nuntiandi*” prosseguia no seu discurso, comparando os Institutos Seculares a “algo semelhante ao laboratório experimental em que a Igreja verifica as modalidades completas de suas relações com o mundo”.

Carisma exigente, este. Na sua aplicação prática enfrenta a tensão entre a abertura aos valores do mundo moderno (autêntica secularização cristã) e a plena e profunda entrega do coração a Deus (experiência de consagração, cf. Puebla 775).

O Espírito Santo, que sopra como e onde quer (cf. Jo 3,8), inspira milhares destas moças consagradas — só no Brasil há mais de 50 Institutos Seculares — para permanecerem crítica e evangelicamente “no mundo” (cf. Jo 17, 11-15), que elas escolheram como condição de sua existência cristã, como seu “convento”.

Elas continuam, cada qual com seu jeito de ser, a escrever páginas lindas na luta pela libertação da mulher dos condicionamentos sócio-políticos e culturais, bem como solidarizando-se com os deserdados e marginalizados.

Com elas também as batalhas feministas enveredam por caminhos mais construtivos, penetrando no âmbito tradicional da política, do sindicato, contribuindo decisivamente para a mudança daquilo que marginaliza a mulher na sociedade.

Betty Friedman escrevia em 1940 sobre a “mística da feminilidade”. Pois bem. Estas moças procuram viver hoje uma mística feminina própria. Mística que, na simplicidade evangélica — o feminino se casa bem com o espírito franciscano desde que o poverello de Assis chamou-o “*Madonna Pobreza*” — esforça-se por realizar um relacionamento particular com Deus.

Emitindo as promessas, ou votos, na presença dos responsáveis pelo Instituto, elas optam por uma entrega radical à causa do Reino, a exemplo de Maria, mãe de Jesus que, de certo modo, foi a primeira leiga consagrada.

São mulheres que se comprometem na obediência para formar-se numa consciência livre e madura.

São mulheres que se comprometem na pobreza a testemunhar uma maior libertação das “coisas” numa dimensão equilibrada de prudência e esperança.

É uma escolha da profissionalidade que proporciona uma independência pessoal e uma comunhão consciente com os homens e as mulheres do nosso tempo. Mas tudo isto significa um caminho de fé, e uma perspectiva de esperança para um serviço de amor.

NOTAS

⁽¹⁾ Documento de Puebla, Cap. sobre a Vida Consagrada, nn. 774-776.

⁽²⁾ Discurso pronunciado por Paulo VI na Assembléia Mundial dos Institutos Seculares em Roma, agosto de 1976.

⁽³⁾ Cap. IV da *Lumen Géntium*, sobre o Laicato.

Endereço do Autor:
Cx. Postal 5041 — ITESC
88041 FLORIANÓPOLIS, SC

Aspectos da Teologia do Feminino em João Paulo II.

Pe. Orlando Brandes
Prof. de Teologia Moral

Introdução

Já se disse que João Paulo II é “um devoto do homem”. Creio que também podemos dizer que ele é um “devoto da mulher” pela originalidade, profundidade e entusiasmo com que escreve sobre o tema. Em 22 alocuções dirigidas ao povo de Deus nas Audiências Gerais no Vaticano, precisamente de setembro de 1979 a abril de 1980, o Papa reflete sobre o corpo, a sexualidade, a mulher, o matrimônio, com o objetivo de preparar o Sínodo sobre a família (out. de 1980).

As reflexões obedecem a um rigoroso esquema dividido em três grandes partes: 1) “No princípio”, é a fase pré-histórica. 2) “No coração”, fase histórica após a queda original. 3) “Na ressurreição”, fase escatológica.

Nosso estudo se ateve só ao aspecto da teologia do feminino e não foi possível seguir o esquema original acima exposto. Optamos por uma visão globalizante da teologia do Papa Wojtyła sobre a mulher em três momentos distintos: Primeiro, estudamos a teologia contida nas alocuções a que já aludimos. Segundo: trazemos as contribuições oferecidas no sínodo sobre os leigos, as quais irão iluminar os documentos pontifícios mais recentes. Terceiro: é a parte central do nosso estudo cujas fontes são as Exortações Apostólicas *Familiáris Consortio* (F.C.), *Christifidèles Laici* (C.

L.) e a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* (M.D.).

É possível constatar que a teologia das alocuções aparece muito nitidamente nos documentos, especialmente na Carta Apostólica sobre a mulher. É difícil entender o conteúdo teológico dos documentos sem a teologia previamente conhecida pela leitura das alocuções. Há mais semelhança entre as alocuções e os documentos que entre estes e as propostas sinodais. Não queremos de modo algum dizer que o Papa não tenha sido fiel ao Sínodo, mas queremos clarear uma questão importante; é preciso familiaridade com o estilo de João Paulo II, para num segundo momento descobrir a profundidade e o alcance do mesmo. Talvez isto esteja faltando aos leitores de hoje.

**a pessoa humana foi
programada para amar e ser
amada**
